

Orquestra de Naná

Disco do percussionista pernambucano mistura sons de flautas e piano com tambores de crioula e maracatu

CINTHYA OLIVEIRA
REPÓRTER

Como seria um encontro inesperado entre uma orquestra sinfônica e vários grupos de percussionistas? A partir dessa situação imaginária, Naná Vasconcelos criou as músicas do disco "Sinfonias e Batuques", lançado semana passada em Recife. Cada faixa do álbum apresenta uma sonoridade única, revelando todo o experimentalismo que fez com que o percussionista e compositor pernambucano fosse muito bem reconhecido na Europa e nos Estados Unidos.

Há ali uma intensa mistura de instrumentos de cordas com sonoridades nordestinas – como tambor de crioula e maracatu. Em um só disco, pode-se ouvir os timbres retirados de violoncelos, violas, flautas, piano, cavaquinhos, trombone, acordeão e, é claro, muita percussão.

"Imaginei uma orquestra sinfônica ensaiando em um parque e, perto dela, um grupo de batuqueiros tocando seus tambores. Nenhum dos dois sons se sobressairia sobre o outro, mas sim contribuiriam um com o outro", explica Naná Vasconcelos. A personificação dessa situação imaginária está na faixa-título do disco – que parece hermética num primeiro momento, mas depois se revela instigante.

Essa não é a primeira vez que o artista tenta unir o erudito e a música popular. Ele é autor de um concerto para berimbau e já realizou apresentações ao lado de orquestras, inclusive no tradicional Carnaval recifense.

"A música erudita é um círculo fechado. São poucos os maestros que topam fazer um encontro experimental. Eu sempre gosto de trabalhar com orquestras, talvez por minha intensa paixão por Heitor Villa-Lobos", diz Naná, que neste novo álbum contou com a participação especial da pernambucana Orquestra Experimental de Câmara.

Mas "Sinfonias e Batuques" também abriga outras ideias do artista. A segunda faixa do disco é uma "Suíte das Águas", em que o músico mostra duas composições feitas a partir de células rítmicas compostas sobre águas de sua piscina: "Batuque das Águas" e "Aquela do Milton", antiga composição sua, criada em homenagem a seu grande amigo Milton Nascimento.

BARBARA WAGNER



Naná Vasconcelos: "Imaginei uma orquestra sinfônica ensaiando em um parque e, perto dela, um grupo de batuqueiros tocando seus tambores"

"O primeiro instrumento do homem é a voz"

Naná Vasconcelos explica que realizar um batuque nas águas não é uma inovação musical, embora soe novo dentro da música brasileira.

Alguns povos africanos já teriam o costume de construir ritmo ao bater seus braços na água. "O primeiro instrumento do homem é a voz, depois o corpo. O resto é consequência", resume o músico pernambucano.

Outra surpresa de "Sinfonias e Batuques" é a presença de Luz Morena, a filha de 11 anos de Naná que venceu o concurso Magda Tagliaferro (em São Paulo) por seu talento como pianista. Ela toca em três vinhetas do disco: "Mistérios", "Pra Elas" e "Pedalando".

"Minha filha só toca quando eu não estou em casa. Mas um dia, a minha mulher veio me dizer que ela tinha composto uma

música. Finalmente, Luz Morena tocou para mim. Perguntei 'qual é o nome da música?' Ela respondeu: 'Mistérios'. Perguntei 'Posso tocá-la com você?' e ela disse sim", conta o pai, temeroso por exacerbar sua "corujice", conforme registra.

Difícil saber se Luz Morena começou cedo a sua trajetória como compositora por genética ou por influência, mas Naná acredita que o fato de ela ter contato constante com seus ídolos contribuiu para que se sintisse à vontade no meio artístico.

"Assim como a Luz Morena gosta de Restart (grupo teen), também gosta de Zélia Duncan, Milton Nascimento e Zeca Baleiro, que são artistas que já vieram aqui em casa".

"O que já sabemos fazer, fazemos bem. Precisamos é sair da mesmice", afirma Naná Vascon-

celos quando o assunto é misturar ritmos e gêneros.

Artista que faz de seu estúdio um verdadeiro laboratório, unindo sonoridades regionais com

Outra surpresa de "Sinfonias e Batuques" é a presença de Luz Morena, a filha"

instrumentos sofisticados ou harmonias retiradas do computador, ele acredita não há limites para a imaginação de um compo-

sitor. "Tem que colocar de cabeça para baixo e ver no que dá. Com a tecnologia, tudo ficou mais fácil. Dá para testar e ver resultados na hora".

Mais do que transformações tecnológicas, ele acredita que o Brasil passou nos últimos tempos por mudanças de paradigmas em relação à música.

Mas se antes o trabalho era mais reconhecimento no exterior, hoje Naná é cultuado pela juventude, acostumada desde os anos 1990 com uma intensa mistura entre regionalismo e gêneros da cultura de massa – vide seus conterrâneos do movimento Mangubeat.

"Agora, pessoas que nem tinham nascido quando eu saí do Brasil (na década de 1970) estão buscando os discos que eu fiz com o Codona, uma banda pioneira da World Music", diz.

O Codona foi um grupo de jazz formado pelo pernambucano ao lado de Don Cherry e Collin Walcott, entre os anos de 1978 e 1983.

Mais feliz Naná Vasconcelos fica por saber que há artistas seguindo seus passos na música experimental. "Os jovens estão por aí misturando tudo de forma maravilhosa, sem medo", assinala o percussionista.

A grande criatividade hoje está com os músicos alternativos, que gravam em casa as suas músicas e jogam na internet".

Quais são exemplos disso? "Aí em Minas, o Tizumba e o Tambolelê têm feito ótimas misturas com tambores mineiros. Também adoro o Kiko Klaus", conta o artista, provando que sua admiração pela música mineira vai muito além do velho amigo Milton Nascimento. (CO)